

RSC: uma vantagem competitiva

por Anderson Cantarino*



Foto: divulgação

A responsabilidade social corporativa implica um profundo e amplo compromisso com as sociedades nas quais as companhias operam.

* Engenheiro químico, com doutorado em Planejamento Energético pela Coppe/Ufrj, HSE Advisor da BP Brasil, foi consultor sênior da Arthur D. Little e também coordenador técnico do licenciamento das atividades de Petróleo e Nuclear do IBAMA, analista ambiental do serviço de Engenharia da Petrobras.

A Responsabilidade Social Corporativa (RSC) é um conceito dinâmico, cuja evolução conceitual tem sido particularmente rápida através da interação entre as corporações, o governo e a sociedade. Atualmente a RSC está mudando o paradigma da esfera de risco para a da oportunidade. Algumas companhias estão percebendo que um bom desempenho em RSC pode ser uma vantagem competitiva. A pergunta não é só como companhias podem se proteger das ameaças à sua reputação, mas como eles podem construir marcas fortes alinhadas com desempenho em RSC. Porém, a RSC possui um amplo significado e diferentes entendimentos para as várias corporações e partes interessadas envolvidas neste processo.

Devido ao seu imenso escopo, o grande desafio para empresas líderes em RSC é a sua redução e o estabelecimento do foco sobre o que é realmente relevante, deixando claro o que é prática empresarial responsável. Essa iniciativa é considerada estratégica para o estabelecimento de uma comunicação bidirecional transparente e a conseqüente materialização dos conceitos associados à RSC efetivamente alinhados com a cultura da empresa e a dos locais onde ela atua.

Como um número cada vez maior de partes interessadas buscam informações sobre questões sociais e ambientais, mudanças significativas na forma como a informação é comunicada e analisada começam a despontar, tornando a RSC parte indissociável do negócio. A RSC implica um profundo e amplo

compromisso com as sociedades nas quais as companhias operam. Em contrapartida, tal engajamento leva as companhias a obter uma visão diferenciada dessas sociedades, tornando-as mais sensíveis política e culturalmente.

As empresas abordam a questão a partir de várias perspectivas. Algumas estão claramente convencidas de que a melhor maneira de se gerenciar um negócio consiste em incorporar, de maneira integrada, as práticas econômicas, ambientais e sociais à formulação e implementação de suas estratégias. Essa abordagem é chamada de "abordagem descendente". Por outro lado, outras empresas adotam a chamada "abordagem ascendente", ou seja, procuram realizar o maior número possível de iniciativas de investimento comunitário e de envolvimento social e com isso traçar as estratégias de negócio.

Centenas de empresas estabeleceram códigos de práticas ou aderiram a códigos aplicáveis a diferentes setores industriais tais, como os princípios estabelecidos pela Coalizão para Economias Ambientalmente Responsáveis (Ceres), os princípios de Caux, a carta publicada pela Câmara Internacional de Comércio (ICC), entre outros. As principais questões abordadas pelas corporações abrangem temas relacionados ao uso de recursos naturais; emissões de gás de estufa; comércio ético; cidadania, além de, é claro, sólidos princípios éticos.

A RSC da indústria do petróleo para a sociedade na qual opera apresenta-se



de muitas formas, das quais o desenvolvimento de comunidades locais e os programas sociais compõem, apenas, uma pequena parte. A indústria tem investido vultosas somas em infraestrutura e mantém grandes orçamentos operacionais que contribuem para a criação de empregos, auxiliando ainda no desenvolvimento da indústria e instituições locais. A indústria também fomenta o desenvolvimento do conhecimento e da educação especializada. Os projetos de RSC servem como fonte de orgulho e de reafirmação de valores que vão além da simples busca pelo lucro.

De uma forma geral, pode-se observar a mudança de paradigma na indústria do petróleo: do uso apenas

de índices econômicos para índices de sustentabilidade social; da postura reativa para a postura pró-ativa e preventiva; do desempenho por atendimento exclusivo a padrões legais e econômicos para o desempenho sócio-ambiental cobrado pela sociedade e pelo mercado, da abrangência apenas do empregado, para abrangência incorporando a força de trabalho, família e comunidade. Ou seja, alterações que insinuem uma passagem do discurso para a ação.

Há uma consciência ascendente de que a RSC e o desenvolvimento social são exigências básicas para sustentabilidade a longo prazo e para o desenvolvimento empresarial, economicamente viável. ■

O uso de índices de sustentabilidade social em vez de, apenas, índices econômicos, e a adoção de posturas pró-ativas em lugar de posturas reativas são exemplos da mudança de paradigma na indústria de petróleo.